

Uma das mais requisitadas coloristas da indústria de quadrinhos, artista porto-alegrense agora quer contar suas próprias histórias

Reportagem Cultural



TANIA MEINERZ/JC

As novas cores de Cris Peter

Daniel Sanes, especial para JC

Uma das primeiras memórias de Cristiane Duarte Peter com relação a cores está ligada a uma frustração. Como sua família não tinha muitos recursos, a menina precisava se conformar com a caixinha mais básica de lápis de cor – que, ainda por cima, eram de tons que achava sem graça.

“Eu sonhava com aqueles estojos grandes, com andares e mais andares. E não entendia por que precisava usar sempre aqueles mesmos 12 lápis, todos de cores fortes. Se fosse criança hoje em dia, iria enlouquecer em uma papelaria, pois existem estojos só de tons pastéis”, diz.

As limitações do passado não impediram Cris Peter, como é conhecida, de se tornar uma das mais requisitadas coloristas da indústria de quadrinhos. Até a publicação desta reportagem, o site Comic Vine, considerado o maior banco de dados sobre HQs do mundo, registrava 369 obras com seus créditos. A lista inclui

trabalhos lançados por editoras renomadas como Marvel, DC e Dark Horse.

Essa trajetória rendeu, entre outros prêmios, três HQ MIX (2015, 2016 e 2017) e um Troféu Angelo Agostini. Em 2012, Cris se tornou a primeira brasileira indicada ao Eisner Award – o “Oscar dos quadrinhos” –, pela colorização da série *Casanova*, roteirizada pelo norte-americano Matt Fraction e ilustrada pelos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá.

A artista porto-alegrense também teve a oportunidade de trabalhar com a obra de Mauricio de Souza. Primeiro, coloriu duas histórias na antologia *MSP 50* (2009), em homenagem às cinco décadas de carreira do pai da Mônica. Três anos depois, deixou sua marca em *Astronauta: Magnetar*, de Danilo Beyruth. A publicação inaugurou o selo Graphic MSP, cuja proposta é revisitar personagens clássicos do estúdio em formato de *graphic novel*. Foram seis livros acompanhando a saga do personagem.

“Jamais sonhei que um dia fosse conhecer o Mauricio! Muito menos que seria citada na biografia dele. E pensar que a Cris de sete anos de idade só queria um *Almanacão de Férias* da Turma da Mônica... Mas nunca ganhou”, lembra, aos risos. “Em compensação, consegui colorir a série do Astronauta inteira.”

Mesmo com uma carreira tão bem-sucedida, Cris Peter não quer se acomodar. Aos 43 anos – mais da metade deles dedicados à colorização digital –, a artista se prepara para colocar em prática um projeto que vem sendo maturado há algum tempo: a transição para as letras.

Atualmente cursando a graduação em Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), ela explica que essa decisão é fruto de uma necessidade pessoal e artística. “Não me arrependo das minhas escolhas, pois acredito que fui muito feliz nelas. Mas também acho que já cheguei ao

topo da carreira como colorista. E, depois de tantos anos colocando a escrita em segundo plano, pensei: ‘quer saber? Vamos logo atrás disso’.”

A mudança ainda é marcada por incertezas, especialmente quanto ao formato das narrativas. Porém, isso é o que menos importa para ela. “Pode ser romance, filme ou quadrinhos; a escolha da plataforma depende do que for mais interessante para a história. O que eu quero é escrever os meus próprios textos”, afirma ela, que já havia lançado alguns trabalhos de forma independente – como a série *Patas sujas*, ilustrada por Érica Awano e Ursula Dorada.

O primeiro projeto dessa nova fase deve ver a luz ainda este ano. É um livrinho infantil intitulado *Tinico diz não*, inspirado no convívio com seu sobrinho, um menino de três anos que não gosta de ser abraçado e beijado.

“Vejo que as pessoas não aceitam muito bem, né? É aque-

la coisa: ‘vem aqui e dá um beijo na tia agora’”, ressalta. “A criança precisa se sentir à vontade, ter o tempo dela. Resolvi desenvolver uma narrativa que brinca com isso, ao mesmo tempo em que fala de consentimento, só que de uma forma mais leve.”

O projeto já está em fase de finalização dos *storyboards*, mas em breve ela espera dar início ao desenho propriamente dito. Isso não significa que Cris deixará as cores de lado. Pelo contrário: elas vão estar mais presentes do que nunca, só que de uma forma mais ‘raiz’.

“Vai ser tudo com guache, lápis de cor, uma mistura de técnicas”, detalha. “Minha carreira foi toda construída no digital, mas agora estou com essa vibe de voltar para o papel.”

Depois de dar vida a tantas histórias alheias, Cris Peter agora quer contar as delas. De preferência, com muitas cores.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma dramaturgia irônica e de denúncia (II)

Na semana passada, comecei a escrever sobre a dramaturgia do escritor português José Luís Peixoto, dramaturgia, creio, desconhecida aqui no Brasil. Seu outro texto a que tive acesso é um trabalho um pouco mais longo (imagino que *Estrangeiras* é um espetáculo em torno de uma hora de duração, em ato único): chama-se *Vida inversa* e faz uma releitura da peça *Rinocerontes*, de Eugène Ionesco que, em algum momento, é referido explicitamente. Há uma Madame Berenger, por exemplo, enquanto personagem. Há uma invasão de bicicletas na cidade - ao invés dos rinocerontes do dramaturgo romeno - mas também há uma referência direta à dramaturgia de Alfred Jarry, já que um dos personagens, Botard, autoidentifica-se enquanto um "patafísico", invenção do começo do século XX daquele dramaturgo.

O enredo gira em torno de um grupo de pesquisadores encarregados de propor um projeto para a cidade de Bucareste. Por que Bucareste? Exatamente porque é a capital do país de origem de Ionesco. Este grupo de pesquisadores dispõe de dois equipamentos que os auxiliam, a "máquina de supressão das necessidades" e a "máquina de expressão comunitária". Os personagens, incluindo uma Madame Boeuf (Senhora Boi, uma cartomante), Jean - que é, de certo modo, o líder, mas ameaçado por uma mulher que lhe cobra não apenas amor, mas sexo - mais a jovem Daisy, o Vereador de Bucareste que cobra o atraso no atendimento do serviço etc, são todos tipos absolutamente ilógicos, porque a peça se constrói exatamente sobre a ilogicidade que se pretende lógica. Este é o debate que o patafísico propõe ao grupo e que evidentemente não tem solução: tanto a lógica quanto a falta de lógica não têm lógica alguma...

Daisy acaba se auto-imolando na máquina de expressão comunitária, de sorte que, no último quadro, assim como os personagens de Ionesco aderiam aos rinocerontes, à exceção de Berenger, que resiste, aqui todos aparecem pedalando suas bici-

cletas, aderindo à moda que, pouco antes, haviam considerado ridícula. De novo, a peça de Peixoto faz uma bela e cáustica análise dos apoios gratuitos e de interesse a certas bandeiras, notadamente aquelas popularizadas através de redes sociais. Não por acaso, os personagens se valem de dossiês, arquivos, espelhos, computadores e por aí afora.

Em sua dramaturgia, Peixoto se permite experimentar temas e linguagens diversas daquelas que encontramos em seus romances ou contos, por exemplo. São montagens simples, sem grandes custos de encenação, porque embasadas fundamentalmente em espaços fechados, em que os personagens dialogam entre si, ainda que, quase sempre, sem nenhuma lógica.

Visitar a dramaturgia de José Luís Peixoto evidencia a importância da dramaturgia em si mesma, enquanto modo de expressão e de comunicação. *Vida inversa*, já pelo seu título, indica a filiação ao *nonsense* do texto de Peixoto, que chama a atenção para a ilogicidade de certas iniciativas: a gente costuma dizer que, quando não se

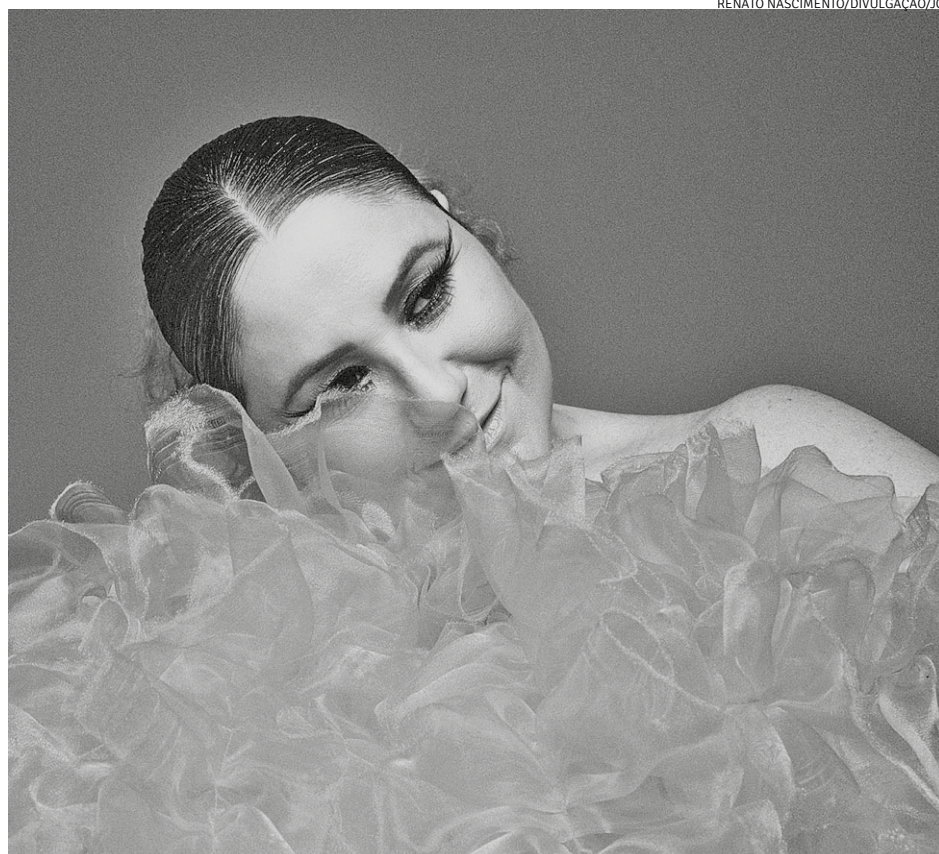
pretende resolver um problema, cria-se um grupo de trabalho... Peixoto ilustra ironicamente a situação na prática, nesta encenação de três quadros (não chegam a ser atos, propriamente ditos) que, numa eventual encenação, podem ser reunidos, os dois primeiros, num ato, e o terceiro, num segundo momento do espetáculo, já que ele traz uma situação, mais do que modificada, invertida, como sugere o título da obra.

Vida inversa, assim como *Estrangeiras*, são obras que evidenciam, ainda, a maestria com que José Luís Peixoto lida com os diálogos e propõe jogos de palavras, chamando a atenção para a artificialidade e a falsidade das relações humanas. Creio que editoras brasileiras especializadas em dramaturgia, como a Cobogó ou a Giostri, poderiam, ou melhor, deveriam buscar esta dramaturgia que tem muito a ver com nossa realidade, além de ter a vantagem de não necessitar de tradução.

José Luís Peixoto
evidencia a importância
da dramaturgia
em si mesma,
enquanto expressão e
comunicação

acontece

RENATO NASCIMENTO/DIVULGAÇÃO/JC



"Quando veio (a crise), continuei trabalhando, o que não recomendo", relembra cantora

Maria Rita sofreu *burnout*: 'Medo de dar boa noite para o público'

Maria Rita abriu o coração ao relembrar o período em que precisou interromper a carreira por causa de um *burnout* severo. A artista revelou que passou por uma profunda crise de identidade, perdeu a confiança no próprio trabalho e chegou a temer subir ao palco. O processo de retomada, segundo ela, só foi possível ao reencontrar, simbolicamente, o "colo" da mãe, Elis Regina (1945-1982).

Segundo a cantora, o esgotamento já vinha se instalando havia algum tempo, mas atingiu o limite em 2024, quando o caminhão que transportava todo o equipamento de seus shows foi roubado, um investimento de mais de 20 anos.

"Quando veio, continuei trabalhando, o que não recomendo. A sensação era das coisas saindo do controle afetivo, emocional, de mim mesma no palco, da paixão, da entrega. Isso começou a me escapar e virou uma bola de neve", disse a artista ao jornal O Globo. "Porque veio uma crise existencial, me senti uma mentira. Nunca parei de entregar o que meus fãs estão acostumados, mas olhava aquele roteiro no chão e falava: 'O que eu estou fazendo? Que enganação eu sou'. Não é a síndrome da impostora, que também já tive, era mais complicado."

Ela contou que o medo passou a fazer parte da rotina antes dos shows.

"Medo de dar boa noite para o público, de não lembrar de letra, de travar na boca do palco. Aí falei: 'Mano, se eu não parar...'"

O retorno aos palcos acontece com a turnê *Redescobrir Vol. 2*, que estreia neste sábado, em Brasília (DF), e segue pelo País até dezembro, com passagem por Porto Alegre no dia 19 de dezembro, no Auditório Araújo Vianna. Maria Rita afirmou que a turnê surgiu justamente em meio à sua crise de *burnout*.

"Um dia, estava olhando para o nada, sem rumo, sem entender o que tinha feito de errado, e me veio a imagem de um palco branco e eu de vermelho, no centro. Foi um recado mesmo. Bem no período em que o caminhão com minha carga de equipamento foi roubado. Aquilo mexeu muito comigo. Já estava me sustentando com pouco e, com o assalto, eu quebrei. Levei um tempo até perceber que aquela imagem era um colo, um coração pulsante em cima do palco. Diante de tantos questionamentos, só uma pessoa poderia me fortalecer. Foi uma busca consciente pelo colo da minha mãe", salientou.

"Essa turnê me ajuda nesse lugar de colo, de ressignificar sentenças, poesias, melodias, de me permitir. Então, fiz tudo que queria, de um jeito bem exibido, enchendo meus olhos para encher os do público também".

fique ligado

Cruzando o Brasil em nome do circo

O espetáculo *Soa Como Caos: Uma Travessia*, da TrupeSou, eleito Melhor Espetáculo de Circo pelo Prêmio Açorianos 2025, retorna aos palcos de Porto Alegre nesta sexta-feira e sábado, às 19h, e no domingo, às 18h, no Teatro de Câmara Túlio Piva (Rua da

República, 575). Os ingressos, disponíveis pelo Sympla, variam entre R\$ 20,00 e R\$ 50,00.

Inspirado na viagem de dois mil quilômetros de bicicleta pelo interior do Brasil feita pelos fundadores da TrupeSou, Laura Fernandes e Felipe Mendes, o es-

petáculo une circo, dança, teatro e literatura com inspiração no universo de Guimarães Rosa. A direção é de Fábio Castilhos e a direção de movimento, de Isadora Franco, diretora artística da Cia Municipal de Dança de Porto Alegre.



Em *Soa como Caos*, Laura Fernandes e Felipe Mendes levam ao palco a experiência de pedalar pelo interior do Brasil

Território livre para a criançada

Neste sábado, o CHC Santa Casa (Independência, 75) abre suas portas para a 9ª edição da Invasão das crianças, evento gratuito que transforma o centro cultural em um verdadeiro território de imaginação, criatividade e protagonismo infantil. A partir das 14h, as famílias poderão desfrutar de uma tarde repleta de atividades lúdicas e educativas. A programação diversificada inclui visitas ao Museu Joaquim Francisco do Livramento, que resgata mais de 200 anos de história, e oficinas que vão de modelagem com massinha e de pintura a vivências circenses de malabarismo e acrobacias. As crianças também poderão

se aventurar como detetives no arquivo histórico, criar figurinos teatrais, fazer origamis, participar de oficinas ecológicas e se divertir com bolhas de sabão gigantes.

Embora o acesso seja livre de ingressos pagos, o público é convidado a doar um livro infantil ou adulto para a biblioteca do Hospital da Criança Santo Antônio, unindo diversão e solidariedade. Para completar, as primeiras 40 crianças que chegarem ao local ganharão brindes especiais. O evento acontece até as 17h30min, oferecendo uma experiência que une aprendizado, expressão artística e diversão para todas as idades.

Dançando o absurdo do cotidiano

O espetáculo de dança *Clã* retorna a Porto Alegre para uma única apresentação no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1089), neste domingo, às 18h. A obra, que reúne os intérpretes Luciana Dariano, Lauren Lautert e Alex Sander dos Santos, apresenta situações desconexas, desoladoras e sarcásticas, inspiradas no universo de Wes Anderson. A sessão conta com recursos de audiodescrição e kits de acolhimento para pessoas com neurodivergência. Os ingressos custam R\$ 35,00 (meia-entrada) e R\$ 70,00 (inteira) e estão à venda pelo site

do Theatro São Pedro.

A narrativa de *Clã* se desenvolve em uma hipotética sala de estar, onde os móveis vão sendo dispostos conforme o espírito inquieto dos personagens. Concebida como uma permanente *work in progress*, a montagem passou pelo CHC Santa Casa em 2019 e por festivais em 2022, e foi vencedora do Prêmio Açorianos de Dança em 2018. Agora, a obra ganha uma quarta versão, com a colaboração de Carlota Albuquerque, figurinos de Margarida Rache, iluminação de Fernando Ochôa e som de Fernanda Fávero.

Clássicos para muito além da sanidade

O palco do Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) recebe, neste sábado, às 21h, o show *Balada do louco*, comandado por Lucas Ricco. Prestando uma homenagem ao rock nacional dos anos 1970 e 1980, o cantor e sua banda prometem uma noite memorável, com efeitos de luz e cenografia inspirados em antigos manicômios.

Os ingressos estão praticamente esgotados, mas restam bilhetes para o setor Pista Lateral em pé, que podem ser adquiridos pela plataforma Sympla, por valores que variam entre R\$ 115,00 (meia-entrada), R\$ 120,00 (solidário, com doação de um quilo de alimento não perecível na entrada do evento) e R\$ 230,00 (inteira).

No repertório da apresentação, estão clássicos de Raul Seixas, Rita Lee, Mutantes, Secos & Molhados, entre outros, que ganham vida na voz do artista, conhecido por passagens em programas de televisão como *The Voice Brasil*. No palco, Ricco é acompanhado por Vinícius Capistrano na guitarra e direção musical, Nilo Fernandes e Rodrigo Calvanti no baixo, e Doug LP na bateria, garantindo a fidelidade sonora dos arranjos originais.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 16 DE JULHO

🕒 **19h** - Ras Bernardo, primeiro vocalista do Cidade Negra e um dos pioneiros do reggae no Brasil, faz show no Espaço Maestro (Doutor Barcelos, 570) ao lado da banda D'Jam-bah System. Abertura de Zion Effect. A partir de R\$ 35,00 no Sympla.

🕒 **19h30min** - Montagem do Grupo Artístico Cuidado Que Mancha, *Elas por Elas* reúne teatro, música e poesia no Goethe-Institut (24 de Outubro, 112). A partir de R\$ 16,00 pelo site www.sesc-rs.com.br/espeticulosculturais.

🕒 **21h** - Paulo Dionísio e Gilberto Oliveira reverenciam Luiz Melodia em show no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). De R\$ 35,00 a R\$ 70,00 no Tri.RS.

🕒 **21h** - Guitarrista e cantor Gui Cicarelli se apresenta no Grezz (Alm. Barroso, 328) com seu The Evolution Trio, em show dedicado ao blues-rock de Jimi Hendrix, Stevie Ray Vaughan e John Mayer. A partir de R\$ 30,00 no Sympla.

SÁBADO, 18 DE JULHO

🕒 **Das 10h30min às 14h** - Suzana Albano inaugura exposição *O Extraordinário das Coisas Comuns*, voltada à arte têxtil como linguagem contemporânea e sustentável. No Clube do Comércio (Andradas, 1.085). Até 14 de agosto de 2026, segunda a sexta, das 13h às 16h. Gratuito.

🕒 **10h30min, 14h e 16h** - Espetáculo de teatro de sombras criado especialmente para bebês de até 3 anos e suas famílias, *Vida* cumpre temporada na Sala da Música do Multipalco (Riachuelo, 1.089). A partir de R\$ 40,00, no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete domingo (10h30min, 14h e 16h).

🕒 **11h** - Quinteto da Sinfonietta de Braga e violonista Artur Caldeira realizam tributo à música tradicional portuguesa em apresentação da série Concertos Capitólio. Na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.0285). Entrada franca.

🕒 **A partir das 15h30min** - Evento Ginga Na Beira encerra programação com festa Levels (sábado, a partir das 15h30min) e show de Cabelinho (domingo, após transmissão da final da Copa do Mundo). No Cais Mauá (Mauá, 1.050). Ingressos no Sympla. Repete domingo, a partir das 15h.

🕒 **18h** - Banda Harry Rocket revisita canções que marcaram diferentes momentos da história do rock internacional, em show promovido pelo Sesc Alberto Bins. No Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541). A partir de R\$ 16,00, no site sesc-rs.com.br/espeticulosculturais.

🕒 **18h30min** - Performance cênica resultante de oficina teatral do Coletivo Teatro da Crueldade, *H.Caos* tem exibição gratuita no Foyer do Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). Classificação 10 anos.

🕒 **19h** - Recriação de texto clássico de Tchekhov, espetáculo *dispositivo-gaivota [estilhaços]*, do Coletivo Errática, volta a cartaz no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 60,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete domingo, 19h.

🕒 **19h** - Cantora Emely Polli leva seu *indie rock* ao Teatro dos Vampiros do Café Mal Assombrado (Fernando Machado, 513). R\$ 30,00 no Sympla, limitado a 30 lugares.

🕒 **20h** - *Gala Lírica Viva Verdi* encerra o Belcanto Italia Festival - Edição Brasil propondo percurso pela obra de Giuseppe Verdi. Montagem reúne mais de 40 artistas, com músicos da Itália, Portugal, Venezuela e Brasil. No Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). De R\$ 30,00 a R\$ 120,00, no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco.

🕒 **21h** - Baby Paloma toca soul, funk, disco e pop no Grezz (Rua Almirante Barroso, 328) Abertura da casa às 19h. Ingressos a partir de R\$ 35,00 no Sympla.

DOMINGO, 19 DE JULHO

🕒 **A partir das 15h** - Voltado ao samba, evento Clube 795 reúne Paulinho Parada, Silfarnei Alves e os grupos Samba do Irajá e Samba Di Primeira, além de DJ Giovane. Princesa Isabel, 795. R\$ 15,00 no local.

reportagem cultural



TÂNIA MEINERZ/JC

Publicitária de formação e fã de animes, Cris Peter acabou se encontrando na indústria de HQs

Profissão: colorista

Daniel Sanes, especial para o JC *

Como alguém decide ser colorista?

No livro *O uso das cores*, Cris Peter diz que essa é uma longa história – uma mistura de “muita sorte com algum azar, mas aquele tipo de azar que só dá lições boas”. Já que o espaço aqui é limitado, vamos tentar resumir.

Tímida, Cris fez da televisão uma grande amiga na adolescência. Foi graças a ela que conheceu as séries japonesas *tokusatsu* (*Changeman*, *Jaspion*, *Jiban* etc.) e animações como *Sailor Moon* e *Os Cavaleiros do Zodíaco*. Foi esta última que despertou nela a

vontade de aprender a desenhar. “Copiava desenhos de revistas especializadas, como a *Herói*, utilizando papel vegetal. Depois, comecei a fazer meus próprios rabiscos”, conta.

Quando tinha 15 anos, já gostava de criar histórias, a ponto de preencher cadernos inteiros com elas. Foi então que sua mãe Rosalina (já falecida) a inscreveu em um curso de histórias em quadrinhos no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs). “Minha paixão era animação, mas não havia cursos especializados naquela época”, explica. Mal sabia ela que aquele seria o primeiro passo para a carreira de colorista.

Em seu livro, ela fala de quando o pai (Ernesto, aposentado) comprou o primeiro *scanner* da família. “Era um trambolho. Eu digitalizei um desenho que fiz do Trunks, personagem do *Dragon Ball GT*, e colori – pasme – no Paintbrush!”, recorda. Depois, na base da tentativa e erro, migrou para o Photoshop.

Ao mesmo tempo em que aprendia a explorar a tecnologia para colorir seus desenhos, Cris conheceu uma turma que tinha mais afinidade com o mundo dos quadrinhos. “O sonho deles era seguir a trilha de nomes como Roger Cruz e Marcelo Campos, brasileiros que trabalhavam em títulos de super-heróis para o

mercado internacional. Não era algo que eu acompanhava, mas, por influência desse pessoal, acabei conhecendo mais”, admite.

Os amigos passaram a fazer trabalhos de ilustração e *web-comics* sob encomenda, e volta e meia ficavam sem tempo para colorir todas as páginas. Cris, que andava meio desanimada com os próprios desenhos, topou ajudar. “Eles começaram a ganhar dinheiro com isso, e uma coisa foi levando a outra”, diz a artista.

Quando ingressou na faculdade de Publicidade e Propaganda da Pucrs, em 2004, a demanda já era alta. “Naquele momento eu pensei: ‘se estou

ganhando o mesmo que o piso de um publicitário, por que não continuo fazendo isso?’ Foi aí que vesti a camisa de colorista de histórias em quadrinhos”, ri.

Seu primeiro grande cliente foi uma editora egípcia. A convite dela, Cris e outros amigos acabaram indo para a San Diego Comic-Con, nos Estados Unidos, em 2005. Na convenção, finalmente chegou à conclusão de que aquela era uma carreira possível. Mergulhou nas pesquisas sobre colorização e, pouco a pouco, foi ganhando prestígio no mercado norte-americano de HQs – o maior do mundo.

Conhecimento na prática - e na teoria

A San Diego Comic-Con foi um marco na carreira de Cris Peter. Na convenção, ela falou pela primeira vez com um colorista profissional – Bill Crabtree, da aclamada série *Invencible*. Também foi lá que descobriu o manual *The DC Comics Guide to Coloring and Lettering Comics*, de Mark Chiarello e Todd Klein, que depois chamaria de sua “bíblia da colorização”.

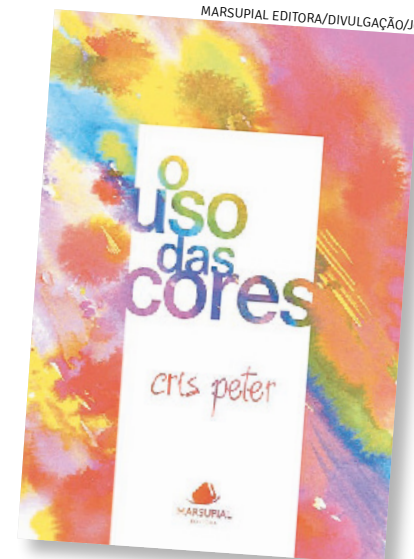
Mais do que apresentá-la a conceitos sobre técnicas e mati-

zes, a obra fez com que Cris entrasse de cabeça no universo das cores. Esse conhecimento, somado à percepção de que a bibliografia em português sobre o tema era restrita, a levou a escrever *O uso das cores*, um guia em que aborda aspectos práticos e teóricos sobre colorização com uma linguagem acessível. Lançado em 2014 pela Marsupial Editora, o livro se tornou referência para quem trabalha com artes visuais e está com a tiragem esgotada.

Embora entenda a importância que teve para muitos quadrinistas, Cris considera que suas contribuições são baseadas basicamente no que aprendeu trabalhando. “Meu desejo é me aprofundar ainda mais, publicar artigos e pesquisas que embasem o que já vi na prática. Por isso, além de focar na escrita, quero ir para o lado acadêmico da coisa: estudar sobre as cores e comprovar algumas teorias”, explica a artista, que tam-

bém já ministrou cursos sobre o assunto.

Para quem espera uma nova reimpressão de *O uso das cores*, ela avisa: não vai rolar. A ideia é produzir um novo manual. “Quando fiz esse livro, eu era jovem e, por isso, creio que fui muito categórica em algumas opiniões. Hoje, sou bem mais flexível e tenho mais conhecimento. Então, acho que está na hora de escrever um *O novo uso das cores*.”



Livro *O uso das cores* se tornou referência para artistas visuais



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Atualmente, trabalha na agência República – Conteúdo & Estratégia e atua como freelancer.

A cor invisível

Muita gente pensa que a cor tem um papel menos importante nos quadrinhos: o que importa é a qualidade dos desenhos e do roteiro. Por mais irônico que possa parecer, a colorização acaba se tornando uma tarefa quase invisível.

Tanto é que só a partir da década passada os coloristas começaram a receber créditos *regulares nas capas – e também royalties*. “Não são todas as editoras que assumiram essa posição. Mas, aos poucos, as coisas estão mudando”, afirma Cris, que tem seu próprio estúdio de prestação de serviços e negocia projetos diretamente com as editoras.

No Brasil, a percepção do público sobre o trabalho dos coloristas ainda é um pouco confusa. “Nos Estados Unidos, há diversos profissionais atuando nesse ramo. Aqui, porém, é comum as pessoas acharem que funciona como nos livros infantis, em que é comum um artista ser responsável por tudo. Com a publicação das graphic novels da MSP Estúdios, o pessoal ficou mais atento a isso. Tipo: ‘bah, tem uma profissional só para fazer as cores.’”

Nos quadrinhos independentes, o papel dos coloristas costuma ser mais valorizado. Um bom exemplo é a HQ *Pétalas*, do gaúcho Gustavo Borges. Um dia, quando ambos estavam jogan-

do conversa fora no aeroporto, à espera de um voo de Curitiba para Porto Alegre, o quadrinista mostrou a Cris alguns esboços da história que estava desenvolvendo. Na hora, ela pensou: “preciso colorir isso”.

Não só coloriu como sentiu que tinha liberdade para interferir na obra, marcada por tons suaves que transmitem o clima que o autor queria passar. “Fiquei impressionada com o fato de as pessoas dizerem que gostaram tanto da cor a ponto de considerá-la um personagem extra da história”, orgulha-se.

Não por acaso, Cris aponta *Pétalas* como um dos trabalhos mais marcantes de sua carreira. Entre as obras para grandes editoras, destaca *Casanova* (“a indicação ao Eisner abriu muitas portas”) e a recente *FML*, escrita por Kelly Sue DeConnick com arte de David López. “É uma história bem louca, que foge do óbvio. E o David é um dos desenhistas mais talentosos com quem já trabalhei”, justifica.

Do Brasil, não tem jeito: *Astronauta: Magnetar* foi o responsável por “apresentar” Cris ao grande público. Por fim, ela cita uma revista praticamente desconhecida por aqui: *The Adventures of Superhero Girl*, de Faith Erin Hicks. “É uma coletânea de tirinhas de jornal do Canadá. Foi tão divertido de fazer que lembro até hoje”.



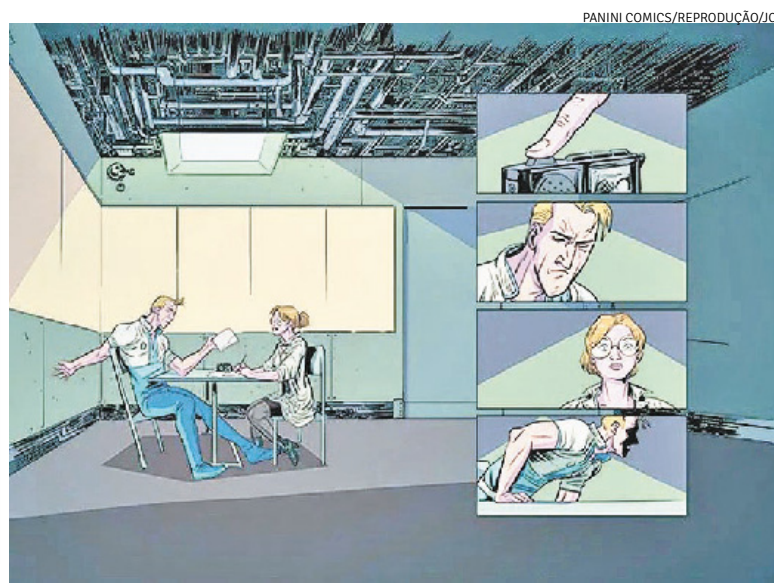
Página de *Spider-Man: The Lost Hunt*, lançada pela Marvel



Página de *Pétalas*, com desenhos do gaúcho Gustavo Borges



Por *Casanova*, Cris se tornou a primeira brasileira indicada ao Eisner Award



Astronauta: Magnetar faz releitura do personagem de Mauricio de Sousa

Cris Peter por cinco artistas

“Conheci a Cris em 2012, durante uma ComicCon RS, quando fui, como quadrinista amador, pegar *feedback* do meu trabalho. Depois, em 2014, dividimos mesa na GibiCon, hoje Bienal de Quadrinhos, em Curitiba. Dessa experiência veio a parceria para *Pétalas*. Eu tinha apenas umas páginas em preto e branco e rascunhos. A Cris viu e se voluntariou para o projeto — eu nunca teria tido a coragem de convidá-la na época! A colaboração dela fez de uma história bacana uma das minhas obras mais vendidas e amadas pelos leitores, publicada também em Portugal, França, Polônia e EUA — onde fomos indicados ao Eisner. A sensibilidade artística da Cris trouxe uma camada extra, um personagem novo para a história: o frio. Trabalhamos juntos outras vezes e espero que venham mais oportunidades!”

Gustavo Borges, quadrinista e autor de *Pétalas*

“Cris Peter foi uma das primeiras coloristas a surgir no mercado brasileiro. E o que ela trazia de novo — além de seu trabalho, que é lindo — era uma ética de trabalho que foi muito importante para alguém como eu, que estava começando a virar um colorista profissional. Coisas como saber se respeitar, saber se dar o valor, saber dizer não... Depois, trabalhei com ela como assistente e pude aprender um pouco mais sobre visão de mercado. Além disso, foi a Cris que me indicou para os meus primeiros trabalhos nas editoras lá fora, como IDW e DC Comics — ou seja, ela teve um impacto gigantesco na minha carreira. Sou muito grato por ter conhecido a Cris. É uma grande colega, de certa forma uma mentora e também uma grande amiga.”

Mat Lopes, colorista de histórias em quadrinhos

“Minha amiga Cris Peter domina os processos cromáticos e, por isso, é reconhecida como uma grande colorista. Mas ela também desenha muito bem e tem se aprimorado na escrita de um jeito fabuloso. Não tem medo de aprender, nem de estudar. Uma artista de alma, com a capacidade de se reinventar. É impressionante como ela consegue mostrar sua autoria a partir do uso da cor. Quando vemos os resultados que obtém, mesmo em obras mais industriais, para Marvel e DC Comics, é possível perceber a mão dela ali: o toque, o estilo de coloração. Também é uma grande pesquisadora, com potencial para a academia. Enfim, a Cris é uma profissional completa em muitos sentidos. Por isso tudo, acho que merece ser mais destacada no campo das artes gráficas.”

Paula Mastroberti, artista visual, autora de *Adormecida* e colega no *Mulheres em Quadrinhos*, extinto grupo de Facebook

“Comecei a pensar em quando conheci a Cris Peter e percebi que não consigo lembrar do momento exato em que isso aconteceu. Apesar de morarmos na mesma cidade, acho que foi em algum evento de quadrinhos: talvez no FIQ, o Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte, talvez na Bienal de Curitiba. De qualquer forma, antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, já admirava o trabalho dela. A Cris sempre foi uma referência para quem trabalha com cores em histórias em quadrinhos. No meu caso, a forma como eu colorizo sempre foi muito intuitiva. Por isso, o livro *O uso das Cores* me fez aprender um bocadinho da teoria. Hoje, tenho a sorte de acompanhá-la não apenas como fã, mas também como amiga.”

Samanta Flóor, quadrinista e autora de *A canção fantasma*

“A primeira vez que trabalhei com a Cris Peter foi na *MSP 50*, coletânea em homenagem aos 50 anos de carreira do Mauricio, em uma história do Ivan Reis. Ele pediu para chamá-la e eu concordei na hora, pois já acompanhava o trabalho da Cris com super-heróis e considerava espetacular. Três anos depois, ela já estava colorindo *Astronauta: Magnetar*, do Danilo Beyruth. Foi um casamento perfeito! A Cris usou todo o seu talento para criar ambientes e cenas. Aliás, isso é o que mais me chama a atenção no trabalho dela: como a Cris sabe ler as cenas para escolher as paletas e os tons que vão ajudar a contar cada história. É por isso que a considero uma das maiores coloristas do planeta. Hoje é minha amiga, e continuo muito fã dela.”

Sidney Gusman, editor-chefe do portal *Universo HQ* e ex-editor da MSP Estúdios

nas telas



Estrelado por Zezé Motta, *Xica da Silva* foi fenômeno de bilheteria no Brasil

Clássico brasileiro em versão restaurada

Em comemoração aos seus 50 anos de estreia, *Xica da Silva* retorna aos cinemas em uma versão restaurada em 4K. Baseado em livro de João Felício dos Santos, o filme de Cacá Diegues combina humor, erotismo, música, espetáculo e linguagem popular para colocar uma mulher negra no centro absoluto da narrativa, e levou mais de 3 milhões de espectadores aos cinemas. O longa conta a história de Xica da Silva (Zezé Mot-

ta), uma mulher negra escravizada que, após conquistar a alforria, manteve um relacionamento com João Fernandes (Walmor Chagas), um dos homens mais ricos do império português. O amante a transforma na Rainha do Diamante, satisfazendo todos os seus desejos extravagantes. Alertado pelos inimigos do casal, o rei de Portugal manda um emissário a fim de impedir que cresça o poder de Xica na colônia.

A vida intensa de Sarah Bernhardt

Cinebiografia da lendária atriz trágica francesa, *A Divina Sarah Bernhardt* é uma das estreias nos cinemas do Estado neste final de semana. A partir de uma elogiada atuação de Sandrine Kiberlain, o filme de Guillaume Nicloux une drama histórico e romance para mergulhar no universo daquela que foi, segundo muitos, a primeira celebridade global de todos os tempos. Ambientada na Paris de 1896, a trama acom-

panha Sarah Bernhardt no auge de sua glória como atriz e como uma mulher que desafiava as convenções sociais de seu tempo, relembrando episódios como seu relacionamento com o ator Lucien Guitry (Laurent Lafitte), a grande homenagem que recebeu em Paris, em 1896, e a amputação de sua perna direita, em 1915 - consequência de uma lesão sofrida durante uma apresentação no Rio de Janeiro, dez anos antes.

Odisseu e sua longa jornada para casa

Aguardado longa de Christopher Nolan que revisita uma das mais importantes obras de todos os tempos, *A Odisseia* chega aos cinemas em versões IMAX e acessíveis. Estrelado por Matt Damon e pela vencedora do Oscar, Anne Hathaway, o longa é ambientado após a Guerra de Troia, e acompanha a jornada de Odisseu em seu retorno a Ítaca, enfrentando

criaturas míticas e a ira dos deuses, enquanto sua esposa Penélope o aguarda. Para dar vida à narrativa de Homero, o elenco reúne grandes nomes de Hollywood, incluindo Tom Holland, Zendaya, Mia Goth, Robert Pattinson, John Leguizamo, Jimmy Gonzales e Himesh Patel, além das participações das vencedoras do Oscar Charlize Theron e Lupita Nyong'o.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Núcleo urbano de Fernando de Noronha	Organização criminosa siciliana	(?) Channel, canal de TV por assinatura	Primeiro produto explorado em nosso país	1ª medalha da ginástica feminina do Brasil na história dos Jogos Olímpicos
		Propriedade rural com terras incultas	Sufixo de "francesa": "origem"	
A tradução em congressos internacionais			Sul, em espanhol	
Limpar com água e sabão		Fábio Assunção, ator paulistano	Espada curta	
Compromisso com credores				Andrea Bocelli, tenor italiano
		Matéria-prima do charuto	Instalação militar ou científica	
Rio chileno que deságua no Pacífico	"(?) tem...!", insinuação maldosa			Interjeição de cumprimento
			A vítima do conto do vigário	
Cérebro, em inglês		Quadrante graduado de antigos rádios		Fazer uso do guindaste
Ditongo de "beijo"			Ganho, em inglês	
Ferramenta dentada para cortes	Companhia teatral (francês)		Variedade de limão	
				Objeto usado em vários esportes
			Museu do (?), atração de Kaliningrado	
Sentimento que leva à vingança	União Astronômica Internacional		(?) - pronômis, planta rica em ferro	
As gerações futuras		Nome comum a doze papas		Arte em debate na Flip (abrev.)

BANCO 3/10a — sur. 4/gain — star. 5/ãmbar — brain — taiti. 6/troupe. 13

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Desafio Fácil CACA (PALAVRA) Cripto

Acesso nosso site!

COQUETEL

Solução

E	A	D	I	R	I	S	O
D	T	I	P	I	O		
V	R	O	A	U	I		
R	A	B	M	A	O	I	O
D	C	E	O	T	E	R	S
N	I	A	G	I	T	W	
V	T	V	I	D	I	E	
V	T	O	T	N	I	V	B
C	I	O	M	F	S		
E	S	A	B	F	V	O	L
B	V	A	D	I	A	D	
E	U	A	S	T	F	A	
R	U	S	R	A	V	A	L
V	E	N	T	L	U	M	I
P		S			V		

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ **Áries:** Uma decisão nos assuntos familiares e domésticos deve ser tomada e assumida sua responsabilidade. As indecisões confortáveis ou fracas devem ser colocadas de lado.

♉ **Touro:** Uma modificação em seu cotidiano precisa agora ser definida. Ficar no meio do caminho é pior que qualquer decisão. Seja responsável pelo cotidiano que sonha para si.

♊ **Gêmeos:** O dia requer autocontrole consigo mesmo e com assuntos materiais. As decisões devem ser bem embasadas. Não espere passivamente o mundo trazer o que você deseja.

♋ **Câncer:** Momento de assumir a responsabilidade por algum sonho ou motivação pessoal. Você é o responsável por ser do jeito que é. Entenda isso e tenha a valentia de ser o seu melhor.

♌ **Leão:** A lua e o sol favorecem os processos de recuperação da saúde e de regeneração. Hoje, um ato decidido e definitivo pode ser necessário para que tais processos se iniciem.

♍ **Virgem:** Momento de decisão quanto aos planos futuros e para a realização de sonhos pessoais. A sensibilidade junto aos amigos é mais presente. Viva algo de bom e bonito com ela.

♎ **Libra:** A lua e o sol fazem com que esteja envolvido com o trabalho. Está na hora de se decidir por um caminho profissional. Não apenas cumpra tarefas, mas realize o que você sonha.

♏ **Escorpião:** Para seguir a orientação filosófica e ética que está a constituir é preciso hoje um gesto de coragem. É momento de atualizar sua maneira de pensar e se projetar para o futuro.

♐ **Sagitário:** O dia é propício para se desfazer de algo que não deseja mais em sua vida. Mesmo que isso não lhe satisfaça seu gosto imediato, pode ser imprescindível em termos amplos.

♑ **Capricórnio:** Uma decisão quanto a associações, negócios ou relações pessoais acontece hoje. Procure ter agilidade e senso de medida nas situações práticas em seus relacionamentos.

♒ **Aquário:** A rotina de trabalho e de cuidados consigo mesmo pode hoje ser modificada para melhor. Saia dos velhos hábitos e inicie maneira nova de ser nestes âmbitos da prática do viver.

♓ **Peixes:** Hoje é dia de importantes decisões na vida amorosa. Seja confiante e sereno. Os sentimentos são fortes, mas não devem lhe cegar. Seja positivamente romântico.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Laços familiares e paixão pelo futebol

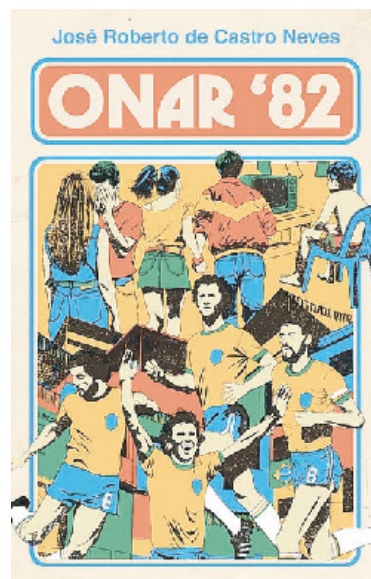
Onar '82 (Editora Intrínseca, 224 pág, R\$ 79,90), de José Roberto de Castro Neves, advogado, mestre em Direito pela Cambridge University e doutor em Direito pela UERJ, escritor e professor universitário e eleito para a Academia Brasileira de Letras em 2025, é um romance dinâmico, repleto de humor e de referências literárias e culturais que entrelaça luto e memória para refletir sobre os silêncios e as ausências que povoam as relações familiares. José Roberto é autor do romance *Ozymandias*, publicado pela Editora Intrínseca.

A narrativa é protagonizada por Samuel Janowitz, cronista esportivo apaixonado pelo Botafogo e pela seleção brasileira, mas incapaz de se conectar com seu filho Daniel. Após um período afastados, sem nenhuma comunicação entre os dois, Samuel é informado da morte repentina do filho e recebe um manuscrito

deixado por ele - uma obra dedicada ao pai.

Com uso de metalinguagem, a obra é um livro dentro de outro e a trama incidental tomou por inspiração a peça shakespeariana *Sonho de uma noite de verão*, comédia de amores desencontrados entre jovens que querem seguir seus destinos. A trama da peça é usada para construir o universo fictício do Morro de Ardenas. Sob uma ótica mística e esperançosa, a história reimagina o fatídico ano de 1982. Doente, saído de uma cirurgia, Samuel não pode cobrir os jogos da Copa e amargou pela televisão a derrota da seleção brasileira. Na ficção do filho, inspirada em Shakespeare, os personagens vivem encontros e desencontros amorosos e tragicômicos.

Ao fim e ao cabo, a narrativa celebra o poder reparador que a literatura pode oferecer. Ficção e realidade se entrelaçam



em acontecimentos importantes da trama, ocorridos durante partidas verídicas da seleção brasileira. Sobretudo, a obra é um acerto de contas afetivo entre um filho e um pai - e uma redenção literária para milhões de amantes da seleção canarinho.

e palavras...

NÃO É SÓ SOBRE FUTEBOL

Cada vez mais Copa do Mundo não é só sobre futebol. Ela sempre abre um crescente grande painel mundial sobre pessoas, países, geografias, políticas, relações internacionais, trabalho, disciplina, talento, individual, coletivo, garra, marketing, estratégias, tecnologia, informação e muito mais. Esta Copa foi a maior de todas e a próxima marca os primeiros cem anos da competição que encanta cada vez mais o mundo através da paixão universal pelo futebol.

Especialmente depois da administração do brasileiro João Havelange na FIFA (que estava falida), que foi de 1974 a 1998, a entidade cresceu muito, tem agora mais países que a ONU e modificou grandemente as estruturas do esporte. Depois de Havelange, da reestruturação financeira e contratos gigantes de patrocínios (inclusive de bebida alcoólica), o futebol passou a ter mais velocidade, força, competitividade e abrangência mundial. Muitos se queixam que o lado mais saudável, esportivo e artístico perdeu espaço e que os grandes times e jogadores se concentraram ainda mais na Europa. Muitos entendem que é possível ver o futebol crescer em todos os cantos do planeta, democratizando recursos, conhecimentos e forças políticas.

Essa Copa mostrou que a vitória de Trump no tapete não resolveu dentro do campo, e aí o anfitrião foi massacrado pela Bélgica. O ótimo goleiro Vozinha ficou como símbolo de superação e resiliência. Cristiano Ronaldo, Messi e Modric estão escalados para o Coroa Bom de Bola e dão uma força para os idosos que aumentam mundo afora. O Cometa

Exterminador Haaland tem direito ao Troféu Humildade São Francisco de Assis, e a torcida remadora norueguesa fica com o Prêmio Incentivo Coletivo.

Leonardo da Vinci, o maior artista e cientista da humanidade, sempre ressaltou o trabalho árduo, o estudo e a disciplina. O cientista gigante e inventor norte-americano Thomas Alva Edison decretou: 10% de inspiração e 90% de transpiração. Para ele, não se deveria contar só com a sorte e que o gênio é fruto de trabalho duro. Nesta Copa, mais uma vez se constata que trabalho, disciplina e planejamento pesam mais do que o mero talento individual ou coletivo. Aliás, é só olhar para os grandes talentos individuais e conferir que ali estão anos, décadas de trabalho, suor na camiseta e disciplina. No mundo de hoje, sem foco, profissionalismo, humildade e constância a gente sabe que não dá para ir adiante.

Haaland, nascido na Inglaterra, astro da Noruega e auxiliado por Rafaela Pimenta, empresária brasileira, corporifica bem as qualidades de trabalho, humildade, seriedade, rigor na alimentação e ausência de ostentação dos noruegueses e nórdicos em geral. Na Escandinávia prevalece igualdade, distribuição de riquezas, preservação da natureza, altíssimos índices de desenvolvimento humano, preocupação com os aposentados e gerações futuras e sentido de democracia verdadeira. Há poucas ou quase nenhuma "Excelência" por lá, naqueles países que cultuam monarquias constitucionais e repúblicas parlamentaristas e que nos dois últimos séculos seguem servindo de exemplo para o mundo.

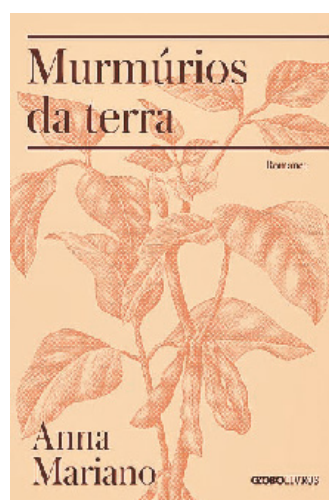
lançamentos



► **No turbilhão da galeria - As crônicas do Marechal** (Arquipélago, 192 pág, R\$ 62,00), de Alvaro Costa e Silva, jornalista e escritor que atuou nos jornais O Globo, Jornal do Brasil e Gazeta Mercantil e que atualmente é colunista da Folha de S. Paulo, traz gostosas crônicas sobre samba, futebol e outras essências do Rio de Janeiro, como carnaval e política. São memórias e personagens de uma cidade infinita.



► **Corção de Cristal Partido** (Editora Rocco, 448 pág, R\$ 65,00), de Ariani Castelo, escritora e produtora de conteúdo, autora de *O abismo de Celina*, traz Rayka, que nasceu fraca, mas com um dom peculiar, no mundo de uma elite abençoada pelos deuses com poderes extraordinários. Ela se envolverá com Luka Lucentis, perverso e obstinado. Juntos, serão imbatíveis, dispostos a destruir todos e, inclusive, um ao outro.



► **Murmúrios da terra** (Globo Livros, 416 pág, R\$ 69,90), romance assinado pela premiada Anna Mariano, traz a emocionante saga de famílias italo-gaúchas que foram para o Centro-Oeste e Norte do Brasil. Um capítulo pouco lembrado, mas muito importante da história do nosso País. O lançamento da obra em Porto Alegre acontece no Instituto Ling, no próximo dia 17 de julho, das 17h às 20h.

a propósito

Com foco, disciplina, planejamento, vivacidade, racionalidade, ética, inspiração e transpiração o Brasil tem que ir pra cima, no futebol e nos outros campos. No fundo, quem sabe é melhor não ser otimista tolo oba-oba (que dizem que é o pessimista mal informado, kkkk) e nem pessimista chato

que fica empatando e puxando para trás. Ser realista esperançoso, disciplinado, trabalhador, criativo e ensolarado é possivelmente o melhor caminho para ver esse território continental, energético, colorido e plural se tornar um País de verdade futura e contínua.

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Amadurecida, a Hibizco põe o pé na estrada

Adriana Lampert

Após lançar seu primeiro álbum, intitulado *De te mostrar intenso*, a banda Hibizco consolida seu espaço na cena independente gaúcha com o início de sua turnê homônima. O trabalho do trio composto por Raquel Pianta (guitarra e voz), Yan Dezoito (guitarra e voz) e Fran Goya (baixo) traz dez faixas em português que transitam por temas cotidianos como relações afetivas, términos, desgaste profissional e amadurecimento. Produzido, captado, gravado, mixado e masterizado por Edo Portugal no Superlua Studio, em Porto Alegre, o disco tem percussão de Julia Pianta em algumas músicas, e baterias de Guilherme Boll, que

se desligou do grupo no início de 2025. O repertório final resultou de uma seleção democrática entre quase 60 composições acumuladas desde a fundação da banda, em 2018.

A transição do pop rock inicial para um rock mais enérgico e distorcido ocorreu a partir da experiência de palco da Hibizco. Segundo Dezoito, o processo de gravação exigiu negociações internas para absorver referências de pop punk e do rock nacional clássico, como Fresno, Pitty, Skank e Paralamas do Sucesso. “Queríamos que o trabalho soasse brasileiro, com letras em português, mesmo fazendo rock, que é um gênero originalmente estrangeiro para nós”. A seleção das faixas buscou abranger toda a trajetória da ban-



Grupo consolida seu espaço na cena independente gaúcha a partir do lançamento do álbum *De Te Mostrar Intenso*

da, resultando em uma dinâmica variada que evita uma identidade fechada, explica o artista.

A turnê introduz faixas inéditas no circuito ao vivo, como *O que dói mais* e *Hemisfério*, que contrastam com o ritmo de *Ninguém viu* e *Totalmente teu*, demonstrando diferentes nuances rítmicas e temáticas exploradas no estúdio e agora levadas aos palcos. Dezoito contextualiza que a pluralidade de sentimentos nas letras vem diretamente do tempo de maturação do projeto, que permitiu o acúmulo de vivências ao longo dos anos, que vão de conflitos afetivos cotidianos a manifes-

tações de inconformidade social.

A produção independente demandou esforços como um financiamento coletivo de três meses e divulgação em rádios e plataformas digitais. Segundo Dezoito, manter a banda funciona como uma atividade paralela aos empregos regulares do trio, exigindo renúncias pessoais. “Eu diria que é quase como uma formação de identidade. Quem nós somos no mundo? Nós somos pessoas que fazem música, que investem nisso, que se realizam através disso”. A imersão em estúdio com Portugal durou dois anos e representou um período de aprendiza-

do técnico e amadurecimento artístico, onde definiram caminhos alternativos para a captação.

O lançamento oficial do álbum ocorreu em maio, no Bar Ocidente (local que inspirou a faixa *Azul roxo*), em uma noite que contou com a participação do grupo Projeto Hare. Após passar pelo festival Porão do Rock, em Brasília, o grupo segue com sua turnê pelo interior do Estado e outras capitais do País. “Depois de todo o trabalho feito dentro de uma sala de estúdio, a gente quer fazer isso acontecer no mundo, nos palcos da vida. E vamos nessa toada.”

qual é a boa?

Todo final de semana, a equipe de redação do JC traz dicas de como aproveitar as opções culturais de Porto Alegre. Pode ser que haja mau tempo, mas não se deixe desanimar: coloque a capa de chuva e aproveite o que a cidade tem a oferecer



Não é só a temperatura que vai esquentar neste final de semana. A banda Baby Paloma vai aquecer a pista do Grezz, no Quarto Distrito, neste sábado, às 21h, com muitos grooves, clássicos, metais, funk e disco. A banda é formada por músicos já muito presentes na cena gaúcha: Rodrigo Fischmann (voz e percussão), Maurício Nader (voz e guitarra), Pedro Petracco (voz e bateria), Antonio Nader (baixo), Murilo Moura (teclado), Huberto “Boquinha” Martins (trombone) e Renato Dal Aggo (trompete). Eu, que já tive a oportunidade de ver algumas apresentações deles nos últimos anos, posso te garantir que será uma noite impossível de ficar parado.

Joana Luna Camargo,
repórter do JC



Para quem tem bebês de até três anos de idade, minha dica é levar os pequenos para curtir *Vida*, um espetáculo de teatro de sombras feito todinho sob medida para eles! A peça rola no sábado e no domingo, com sessões às 10h30min, 14h e 16h, na Sala da Música do Multipalco Eva Sopher. A montagem é uma experiência superdelicada que mistura luzes, sons e movimentos suaves para prender a atenção dos pimpolhos, terminando com um momento em que eles podem interagir e brincar com o cenário. Pode ir sem preocupação: o espaço é super acolhedor e tem toda a estrutura necessária para a família, incluindo fraldário e até “estacionamento” para os carrinhos de bebê.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Quando a gente pensa na Cinemateca Capitólio, é natural ter o cinema como principal foco de atenção. Mas não é de hoje que o charmoso espaço no coração do Centro Histórico vai além da Sétima Arte, abrindo espaço para outras linguagens. A série *Concertos Capitólio*, por exemplo, é uma chance excelente de apreciar música de alto nível, em um ambiente muito bonito e em um horário dos mais acessíveis. Neste domingo, às 11h, o espaço recebe o *Concerto Arco da Corda Nova*, voltado à música tradicional portuguesa. Tudo de graça - se ainda não estiver chovendo em Porto Alegre, dá para sair do espetáculo e ainda dar um passeio pelo entorno antes do almoço de domingo.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



Com a previsão do tempo apontando chuva, maratona uma série é sempre uma boa pedida. *Os Testamentos: das Filhas de Gilead* funciona como uma continuação da série *O Conto da Aia*. Ambientada cerca de quinze anos após o início da trama original, a narrativa acompanha a trajetória da jovem Agnes (Hannah Bankole), criada sob as rígidas doutrinas de uma teocracia, e de Daisy, uma adolescente canadense que guarda um segredo. O grande elo entre as duas produções é a icônica Tia Lydia, que assume um papel importante ao agir, nos bastidores, para dismantelar por dentro o regime que ela mesma ajudou a erguer. Eu assisti e me surpreendi.

Gustavo Van Ondheusden,
editor de diagramação